

## **Perspectivas Históricas e Contemporâneas sobre Interpretação Musical: Do Romantismo à Atualidade**

Alexandre Fontainha Ficarelli  
Universidade de São Paulo  
[ficarelli@usp.br](mailto:ficarelli@usp.br)

Resumo: Este artigo examina a transformação das abordagens de interpretação musical do século XIX até os dias atuais. São explorados o significado de interpretar, assim como os conceitos de interpretação e performance musical. Discorre-se sobre as mudanças estilísticas do período romântico, do modernismo, bem como o surgimento do movimento de interpretação historicamente informada. Partindo de uma reflexão sobre os limites da notação musical, discute-se o papel do intérprete como mediador entre a partitura e o público. Os estilos interpretativos são contextualizados sobre a ótica histórica e relacionados. O artigo versa sobre fidelidade ao texto musical, objetividade versus expressividade, e os desafios enfrentados na interpretação por músicos na atualidade. A natureza da fidelidade musical e o equilíbrio entre tradição e inovação permanecem relevantes tanto hoje quanto no passado. Também são abordadas as influências de figuras-chave como Stravinsky e Nadia Boulanger, além das transformações nas práticas interpretativas ao longo do século XX.

Palavras-chave: Interpretação, Performance musical, Estilos interpretativos

## **Historical and Contemporary Perspectives on Musical Interpretation: From Romanticism to the Present Day**

Abstract: This article examines the transformation of approaches to musical interpretation from the 19th century to the present day. The meaning of interpreting is explored, as well as the concepts of interpretation and musical performance. It discusses the stylistic changes of the romantic period, modernism, as well as the emergence of the historically informed interpretation movement. Starting from a reflection on the limits of musical notation, the role of the performer as a mediator between the score and the audience is discussed. Interpretive styles are contextualized from a historical and related perspective. The article deals with fidelity to the musical text, objectivity versus expressiveness, and the challenges faced in interpretation by musicians today. The nature of musical fidelity and the balance between tradition and innovation remain relevant today as they have in the past. The influences of key figures such as Stravinsky and Nadia Boulanger are also addressed, as well as the transformations in interpretive practices throughout the 20th century.

Keywords: Interpretation, Musical performance, Interpretive styles

### **Introdução**

O significado e a prática da interpretação musical têm sido objetos de estudo e reflexão ao longo dos séculos, revelando-se como uma atividade complexa e multifacetada. Este artigo visa traçar as principais mudanças nas abordagens interpretativas, examinando o contexto histórico e as influências estéticas que moldaram as práticas performáticas. Como observam Borém e Ray (2012, p.121-168), houve um crescimento substancial na produção acadêmica relacionada à performance musical nas últimas décadas, refletindo o interesse crescente nessa área de estudo.

No contexto musical, a interpretação não é um processo estático. É um ato de mediação que requer compreensão profunda da obra, sensibilidade artística e conhecimento de estilo e história. Como observa Eugene Narmour (1988, p.318), mesmo na notação relativamente elevada da cultura ocidental, a interpretação é parcialmente dependente da tradição oral. Isso implica que, apesar da precisão notacional, a interpretação sempre envolverá elementos subjetivos e de variação.

Entender o trinômio - compositor, intérprete e ouvinte - é fundamental para compreender a natureza dinâmica da interpretação musical. Esta base conceitual é essencial para a discussão das mudanças nas práticas interpretativas ao longo da história. No artigo transcorreremos sobre as transformações culturais e estéticas que marcaram o século XX trazendo novas perspectivas interpretativas.

Nos dias de hoje, a interpretação musical continua a se desenvolver, com fronteiras cada vez mais fluidas entre diferentes tradições interpretativas e estilos. Assim, temos um leque de complexidades que compõem a interpretação musical, onde faremos uma análise mais detalhada das transformações históricas e estéticas que moldaram esta prática ao longo do tempo.

### **O Significado de Interpretar**

Antes de darmos início a uma análise histórica da interpretação musical, faz-se necessário examinar o significado do próprio ato de interpretar. O conceito de interpretação é vasto e multifacetado, especialmente no contexto musical. Etimologicamente, o termo "interpretar" tem suas raízes no latim "interpres", que significa "intermediário". Como explica o Dicionário Houaiss:

"interpret-: antepositivo, do latim interpres, ĕtis, medianeiro, intermediário, ajudante, assistente, agente; mensageiro, negociante, enviado; dragomano, intérprete, língua; áugure; o que explica; juriconsulto; comentador; tradutor, donde o verbo interprĕtor, āris, ātus sum, āri (depoente), interpretabilis, e que pode ser interpretado, explicável", interpretatĭo, ōnis, interpretação, explicação, sentido, interpretātōr, ōris, 'intérprete'" (apud ROCHA, 2013).

No contexto musical, interpretar envolve a transmissão de um conteúdo musical por meio sonoro, que é então recebido pelo público. Entretanto, esse processo vai além da mera reprodução de notas escritas. Como observa Kuehn:

"Interpretar' está intimamente ligado à compreensão prévia da obra pelo músico-intérprete. Considerando-se a partitura musical apenas uma espécie de 'roteiro' ou 'mapa' para se chegar – por assim dizer – ao 'tesouro' (ou à 'verdade') da obra, 'interpretar' significa, portanto, a de trazer à luz não apenas o que está escrito, mas também (ou principalmente) o que está as indicações grafadas em forma de letras, notas, sinais ou signos, isto é, nas entrelinhas"(Kuehn, 2010, p.5).

Esta visão é corroborada por Eugene Narmour que afirma que "o compositor produz uma partitura, uma espécie de mapa sintático baseado em um sistema de símbolos altamente eficiente, mas limitado, cuja interpretação, mesmo na notação relativamente elevada da cultura ocidental, é indiscutivelmente ainda parcialmente dependente da tradição oral" (Narmour, 1988, p.318). Cury similarmente observa que "por mais exata que seja a notação e por mais estrita que possa ser a interpretação, ainda assim haverá diferenças entre esta e sua grafia" (Cury, 2011, p.76).

A interpretação, portanto, envolve uma complexa interação entre o texto musical, o conhecimento de estilo, de história e a própria sensibilidade artística do intérprete. É também um ato de mediação entre o conteúdo estabelecido pelo compositor e o público, no qual o intérprete deve decifrar não apenas a grafia das notas escritas, mas também o espírito e as intenções por trás delas.

Além disso, o conceito de interpretação em música está intimamente ligado à ideia de performance. Nos países de língua inglesa, o termo "performance" passou a designar o ato de

executar uma música, e o músico ou executante passou a ser chamado de "performer". Em português, utilizamos o termo "intérprete" para designar aquele que atua como mediador entre o texto musical e o público.

É importante notar que a interpretação musical não é um processo unilateral ou estático. Como observa Barrett:

"O papel do intérprete é, no melhor dos casos, transcrever a obra do domínio do abstrato para o do concreto, e no pior deles se desviar disso. O intérprete se torna um mediador e como no caso de todos os intermediários, envolve um tipo de relação contratual: é obrigação do intérprete representar a obra do compositor ao ouvinte, assim como é obrigação do ouvinte esforçar-se para uma compreensão adequada da obra em si" (Barret, 2008, p. 96).

Esta relação triangular entre compositor, intérprete e ouvinte é fundamental para compreendermos a natureza dinâmica e interativa da interpretação musical. Paul Ricoeur (1976, p.85) propõe uma dialética entre explicação e compreensão como base do processo interpretativo, que pode ser aplicada à interpretação musical.

É neste contexto complexo que as abordagens interpretativas se transformaram ao longo da história, como veremos nas seções seguintes.

### **Raízes históricas da Interpretação Musical**

Antes de adentrar especificamente nas transformações do século XX, é importante reconhecer as raízes históricas da interpretação musical. Desde o início da escrita musical, músicos e teóricos têm se preocupado em descrever o fazer musical. No período barroco o tratado mais influente é o de J. J. Quantz publicado em 1752 e posteriormente o de Leopold Mozart, publicado em 1756, que trata da interpretação do período clássico. Outro tratado importante de 1753 é de autoria de C. P. E. Bach, que, dentre outras questões interpretativas, pondera: "O que compreende uma boa apresentação? Não é nada mais que a habilidade de revelar sensivelmente, cantando ou tocando, o verdadeiro conteúdo e o afeto de uma composição" (Bach, 1994, p.117). Dessa maneira não seria prudente partir do Romantismo sem antes traçar um breve histórico, ainda que de forma muito sucinta, onde demonstramos a importância da questão da interpretação nos autores citados. Esses autores, assim como muitos outros, serão relevantes e representativos com o surgimento da Interpretação Historicamente Informada, que nos levará a uma reavaliação da interpretação no século XX. Isso será abordado posteriormente no artigo.

### **Do Romantismo ao Modernismo**

Eduard Hanslick, em seu livro de 1854 *Do Belo Musical* faz algumas colocações, como "O ato em que se pode produzir o transbordar imediato de um sentimento em sons não é tanto a invenção de uma obra musical quanto, pelo contrário, a sua reprodução." (Hanslick, 2011, p.66). Ele dispõe sobre a interação corporal, que possibilita a efusão pessoal na produção da execução musical, relaciona o criar do compositor e o do executante, em que a obra sonora toma forma, e ainda menciona que para uma execução é necessário ter vivência. Hanslick (2011, p.66) infere que o executante só pode proporcionar o que a composição encerra, mas esta obriga a pouco mais do que à execução precisa das notas. Ele pode apenas adivinhar e manifestar o espírito do compositor e finaliza defendendo que o momento da recriação é justamente o papel do intérprete. Podemos observar uma certa exaltação dos sentimentos, contudo existia à época um pensamento romântico coletivo. No livro *A New Esthetic of Music*,

Busoni relata que o intérprete deve “resolver a rigidez dos signos” e traduzi-los em emoção e descreve a interpretação como:

“A apresentação audível, a ‘performance’ da música, sua interpretação emocional, deriva daquele estado elevado do qual descende a própria arte. Quando existe a ameaça de ela [a arte transcendente] se tornar terrena é parte da interpretação elevá-la e restabelecê-la em sua essência primordial” (Busoni, 1911, p.15).

Esta preocupação com a expressão do "conteúdo e afeto" da música permeou o pensamento interpretativo do período barroco e clássico até o romantismo, quando atingiu seu ápice de liberdade expressiva.

No início do século XX, houve uma reação contrária ao estilo interpretativo romântico, caracterizado por grande expressividade e liberdades em relação ao texto musical. Esta mudança foi parte de uma transformação cultural mais ampla, uma profunda mudança de paradigma cultural, que, segundo Hill (1994, p.40), ocorreu no período subsequente à I Guerra Mundial.

Compositores como Stravinsky advogaram por uma abordagem mais objetiva:

"A ideia de interpretação implica as limitações impostas ao músico, ou aquelas que este impõe a si mesmo em sua função própria, que é a de transmitir música ao ouvinte. A ideia de execução implica a estrita realização de um desejo explícito, que não contém nada além do que ele ordena especificamente" (Stravinsky, 1996, p.112).

Segundo Haynes (2007, p.48), esta nova estética moderna de interpretação consolidou-se após a II Guerra Mundial, caracterizando-se por um *legato* ininterrupto, pelo grande uso do vibrato contínuo, pelo fraseado longo e pela rigidez métrica. Havia uma mudança de atitude em relação a interpretação romântica e tanto partidários do estilo romântico tardio quanto dos modernistas envolveram-se em discussões calorosas. Na maioria das questões as duas escolas de interpretação diferiam apenas em grau. Segundo Hill "Elas diferiam fundamentalmente em suas atitudes em relação à gama aceitável da prerrogativa interpretativa e muito especificamente em suas atitudes em relação a modificações de tempo e acento agógico" (Hill, 1994, p.40).

### **A influência de Igor Stravinsky e Nadia Boulanger**

O estilo performático de Igor Stravinsky ganhou um enorme prestígio entre músicos progressistas nos anos de 1920 e 1930. De uma hora para outra, o neoclassicismo estava em voga e o antigo sentimentalismo (romântico) estava fora de moda. A emoção tornou-se algo que muitos compositores com aspirações de vanguarda se sentiam pressionados a evitar. Taruskin chega a afirmar que "toda a performance musical verdadeiramente moderna trata, essencialmente, a música realizada como se fosse composta – ou pelo menos executada – por Stravinsky" (Taruskin, 1995, p.114).

O impacto de Stravinsky na interpretação musical do século XX foi profundo. Nadia Boulanger, alinhada esteticamente com Stravinsky, também exerceu grande influência na disseminação dessas ideias. Como professora Boulanger era muito respeitada e em sua carreira lecionou no Conservatoire Femina-Musica, na École Normale de Musique, no Conservatório de Paris e no Conservatório Americano de Fontainebleau. Justamente nesse último, inúmeros compositores americanos passaram pelas suas mãos, dentre os mais renomados figuram os nomes de Aaron Copland, Phillip Glass, Ned Rorem, Elliot Carter, Walter Piston e Quincy Jones, que viriam a difundir suas ideias. Boulanger enfatizava a importância da "arquitetura"

musical e a eliminação de elementos expressivos excessivos, como o *rubato* exagerado e o fraseado em arco (Brooks, 2013, p.220).

### **O movimento da Interpretação Historicamente Informada**

A partir da década de 1960, surgiu o movimento da interpretação historicamente informada (Historically Informed Performance - HIP), buscando recriar as práticas performáticas do período barroco apoiando-se nos antigos tratados e utilizando instrumentos de época. Esse movimento representou uma reação à abordagem "modernista" que havia se tornado dominante, trazendo de volta elementos de expressividade e flexibilidade rítmica que haviam sido suprimidos.

O HIP trouxe novos desafios aos intérpretes, exigindo conhecimento histórico e novas técnicas instrumentais. Além disso, levantou questões importantes sobre autenticidade e fidelidade histórica. Como observa Taruskin (1995), o conceito de "autenticidade" foi amplamente utilizado pela indústria fonográfica, embora tenha sido posteriormente criticado por musicólogos e intérpretes.

Debates sobre fidelidade ao texto (*Werktreue*), expressividade versus objetividade, e o papel da criatividade do intérprete continuam atuais. Nicholas Cook resume bem esta tensão:

"A performance é vista como a reprodução da obra, ou as estruturas incorporadas na obra, ou as condições de suas primeiras apresentações, ou intenções de seu compositor. [...] não há espaço para a criatividade dos artistas. Ou, pelo menos, se a criatividade entrar, ela deve ser feita sem avisar e sem teorizar" (Cook, 2013, p.3).

O conceito de *Werktreue*, oriundo do teatro alemão do século XVIII, ganhou força na música, promovendo uma leitura rigorosa da obra e fidelidade às intenções do compositor. Esta abordagem "literalista" foi posteriormente adotada por intérpretes como Toscanini, com seu famoso lema "com'è scritto" (como está escrito - tradução nossa). No entanto, existem críticas sobre essa abordagem mecânica, que podem resultar em interpretações superficiais, desprovidas de profundidade musical. O desafio para os intérpretes contemporâneos é encontrar um equilíbrio entre o respeito ao texto musical e a expressividade.

### **O Ensino Musical e suas implicações na interpretação**

Historicamente, o ensino musical segue um modelo de mestre-aprendiz, com forte ênfase na tradição oral. Esta tradição, embora valiosa em muitos aspectos, pode levar à perpetuação de práticas interpretativas sem questionamento crítico. O crescimento dos estudos sobre performance nas últimas décadas tem buscado complementar esta abordagem tradicional com uma compreensão mais ampla e crítica da interpretação musical.

O advento e a disseminação das tecnologias de gravação tiveram um impacto profundo na interpretação musical. Por um lado, as gravações permitiram um acesso sem precedentes a diferentes estilos e abordagens interpretativas. Por outro, podemos observar o uso de gravações por jovens e inexperientes músicos com o intuito de formar uma interpretação, sendo um processo imitatório, bastante frequente, que dirime responsabilidades, sobretudo o pensar musical, sem atentar para questões relevantes da obra. Esse fenômeno levanta questões importantes sobre originalidade, criatividade e o papel da tradição na educação musical contemporânea.

À medida que avançamos no século XXI, a interpretação musical continua a evoluir. As fronteiras entre diferentes tradições interpretativas - seja entre o "moderno" e o "historicamente informado", ou entre o "erudito" e o "popular" - estão se tornando cada vez

mais fluidas. Além disso, o avanço das tecnologias digitais está abrindo novas possibilidades para a interpretação e a performance musical, desde a utilização de software de análise musical para informar decisões interpretativas, até o uso de realidade virtual e aumentada em performances, o futuro da interpretação musical promete ser tão diverso quanto fascinante.

## Conclusão

A interpretação musical é um campo dinâmico e em constante florescimento. Ao longo do último século, vimos mudanças dramáticas nas abordagens interpretativas, desde a expressividade do romantismo até a objetividade do modernismo e o subsequente surgimento do movimento da interpretação historicamente informada.

Atualmente, os intérpretes enfrentam o desafio de lidar com estas diferentes concepções, buscando um equilíbrio entre o conhecimento histórico, a fidelidade ao texto musical e a expressão pessoal. A intenção original, expressa no texto escrito e sua realização sonora continua a ser um dos aspectos mais fascinantes e desafiadores da interpretação musical. À medida que avançamos no século XXI, é provável que vejamos abordagens cada vez mais diversas e inovadoras para este desafio perene.

Os debates sobre o papel do intérprete, a natureza da fidelidade musical e o equilíbrio entre tradição e inovação permanecem tão relevantes hoje quanto eram há um século. Ao mesmo tempo, novas abordagens analíticas, tecnológicas e interdisciplinares estão abrindo novos caminhos para a performance musical.

Foi somente nas últimas décadas que os estudos empíricos sobre performance passaram a revelar uma cronologia da interpretação, dentro das igualmente novas áreas de estudo da performance, nas quais os pesquisadores atentaram para a propagação indiscriminada da tradição e intérpretes procuraram se desvencilhar desta, produzindo uma interpretação crítica e coerente da obra musical.

Em última análise, a riqueza da interpretação musical reside precisamente nesta tensão criativa entre o respeito pela tradição e a busca pela inovação, entre a fidelidade ao texto e o papel criativo do intérprete. É neste espaço dinâmico e desafiador que os intérpretes continuarão a explorar novas maneiras de dar vida à música, conectando o passado ao presente e vislumbrando o futuro.

## Referências

- BACH, Carl Phillip Emanuel. *Versuch über die wahre Art das Clavier zu spielen*. Faksimile – Reprint. Teil I Berlin 1753 p.117. Kassel: Bärenreiter Verlag, 1994.
- BARRET, Sam. Reflections on music writing: coming to terms with gain and loss in early medieval Latin song. In Andreas Haug & Andreas Dorschel (eds.), *Vom Preis des Fortschritts: Gewinn und Verlust in der Musikgeschichte*. New York: Universal Edition, 2008.
- BÓREM, Fausto; RAY, Sonia. *Pesquisa em performance musical no brasil no século XXI: problemas, tendências e alternativas*. II Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos Em Música, 2012. In: *Anais...* Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/indFiguraXX-1.php/simpom/article/viewFile/8033/6901>. Acesso em: 15 de junho de 2024.
- BROOKS, Jeanice. *The Musical Work of Nadia Boulanger: Performing Past and Future Between the Wars*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- BUSONI, Ferruccio. *A New Esthetic of Music*. New York: G. Schirmer, 1911.
- COOK, Nicholas. *Beyond the Score: Music as Performance*. New York: Oxford University Press, 2013.
- CURY, Fabio. *Choro para fagote e orquestra de câmara: aspectos da obra de Camargo Guarnieri*. 2011. 177 f. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- HANSLICK, Eduard. *Do Belo Musical*. Covilhã: Universidade da Beira Interior/LusoSofia, 2011.

- HAYNES, Bruce. *The End of Early Music*. New York: Oxford University Press, 2007.
- HILL, Robert. *Music and Performance during the Weimar Republic*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1994.
- KUEHN, Frank Michael Carlos. *A teoria da reprodução musical de Theodor Adorno e o legado da tradição vienense: uma introdução*. 2010. 191 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- NARMOUR, Eugene. On the Relationship of Analytical Theory to Performance and Interpretation. In: NARMOUR, Eugene; SOLIE, Ruth. *Explorations in Music, the Arts, and Ideas*. Stuyvesand: Pendragon Press, 1988.
- RICOUER, Paul. *Teoria da interpretação – o discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 1976.
- ROCHA, Carlos. *Etimologia de interpretar*. In: CIBERDÚVIDAS da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/etimologia-de-interpretar/31940>. Acesso em: 20 de maio de 2024.
- STRAVINSKY, Igor. *Poética musical em seis lições*. Trad. Luiz Paulo Horta. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.
- TARUSKIN, Richard. *Text & Act – Essays on Music and Performance*. New York: Oxford University Press, 1995.